

A woman wearing a red hijab and a blue long-sleeved top is standing and looking at a large world map. The map is rendered in a stylized, textured manner with various city names and geographical features. The background is a warm, golden-yellow color with a subtle grid pattern.

ASSOS

Revista internacional de comunhão e libertação

Maio 2020

05

O que estamos a aprender

O tempo do nosso juízo

Foi um momento decisivo, daqueles que entram diretos na memória para nunca mais saírem. A praça vazia, a escuridão que cai. A chuva cada vez mais forte. E um homem vestido de branco que, diante do Crucifixo, invoca Deus usando as palavras dos discípulos: “Mestre, não te importas que pereçamos?”. Não te importas comigo, connosco? Cenas semelhantes às que vimos poucos dias depois, numa Semana Santa igualmente inédita: a Missa in Coena Domini, a Via Sacra, a Páscoa... Tudo reduzido ao essencial. O Papa, poucos mais. E a presença de Cristo. Mas naquela oração do final de março, no grito de Francisco numa praça pela primeira vez vazia, abriu-se também um caminho. Precioso, para quem está a tentar segui-lo. Porque, como disse o Papa, esta situação nunca antes vista, capaz de “desmascarar a nossa vulnerabilidade”, de dar a volta às “falsas e supérfluas seguranças com que construímos as nossas agendas”, de nos fazer perceber até ao fim como temos necessidade de Cristo Ressuscitado, não é uma condenação, uma fachada de vazio golpeada subitamente nas nossas vidas. É uma ocasião, grande. É “o tempo do nosso juízo”. Não “do teu juízo”, insistiu Francisco dirigindo-se a Deus com audácia, mas “do nosso juízo: o tempo de escolher o que interessa e o que passa, de separar o que é necessário do que não é”. O tempo da conversão. Onde a esta palavra já não corresponde nenhum moralismo, como se se tratasse de um esforço ético: é-nos pedido um olhar. A quem olhar, o que procurar. É um passo de conhecimento.

Muitos outros o disseram, de tantas formas, nas semanas seguintes, e também nas próximas páginas. Se esta emergência, tão dramática, decorresse sem uma nossa tomada de consciência, sem descobrir alguma coisa de mais profundo sobre nós e a realidade, seria um desastre a juntar ao peso insuportável da morte de tantas pessoas, da dor, do medo. Ainda mais: poria mais uma pedra à frente do sepulcro da nossa humanidade. Porque nos deixaria perdidos e vazios, mais do que antes.

Em vez disso este “tempo vertiginoso” pode ser outra coisa. Pode tornar-se ocasião para um “despertar do humano”, como diz o título do livro que saiu ao mesmo tempo que a revista seguia para impressão. É uma entrevista a Julián Carron, presidente da Fraternidade de CL. Fazendo as contas até ao fim com “a irrupção poderosa da realidade”, que “fez vir ao de cima, em todo o seu alcance, aquela exigência de perceber a que chamamos «razão» enfrenta as perguntas que nos colocamos todos, sem desculpas nem desvios. Porque é quase inevitável que aflorem, mas é uma escolha nossa levá-los a sério”.

Deste modo, de alguma forma aquele livro acompanha a tentativa que também nós fazemos. Nas páginas seguintes, encontrarão reflexões, factos e testemunhos, que ajudam a dar passos, a retirar o melhor da circunstância única que estamos a viver, a dar-mos mais conta de quem somos e de que é que a nossa vida precisa. Do essencial.

Cartas

*Leonor, Davide, Pilar, Gladys,
Marco, Pedro e Ricardo*

Regresso de lua de mel em pandemia

Quando voltei de lua de mel, no dia 6 de março, dei por mim a chegar a um país que começava agora a travar a luta contra o COVID 19. Pela natureza da minha profissão, que implica o acompanhamento terapêutico presencial de crianças nas escolas, nem sequer retomei o trabalho: as escolas começaram a fechar, e pouco tempo depois o estado de emergência nacional foi declarado. Nasceu em mim imediatamente uma grande angústia, que em primeiro lugar se manifestou numa revolta e desconfiança no projeto de Jesus para a minha família.

“Como é que eu posso fazer agora, para estar aberta aos filhos sem medo, se me tiras a possibilidade de trabalhar?”

2 Como é que fazemos para começar o teu plano se a primeira coisa que nos fazes viver é a pobreza?”

Por outro lado, e pior ainda, doeu-me ainda mais do que a possibilidade de pobreza o facto de eu não poder trabalhar. No encontro de fraternidade (via zoom) todos falam das dificuldades do trabalho em casa, do que é cuidar da casa ao mesmo tempo, e até o meu marido pode trabalhar nesta circunstância... mas não eu. Por isso vivi estas últimas semanas numa apatia e inércia de quem nada pode fazer. Como se este fosse um “hiato de tempo” na minha história, que não faz parte dela, mas que quando passar eu posso voltar a caminhar.

Ler a carta do Carrón acompanhou a minha chegada de lua de mel, e juntamente com a assembleia que fizemos em fraternidade sobre o retiro de quaresma, esta foi uma ocasião privilegiada para me voltar a escancarar ao Amor de Jesus por mim. De facto, identifiquei-me logo com a posição dos discípulos no barco: não é concebível que ele esteja aqui agora. Ou seja, não acredito que esta situação seja ocasião de verificar a sua presença hoje. Sempre que pensava no desafio do Carrón de “viver intensamente o real nesta ocasião a que o mistério não me poupa” acabava num enorme sufoco.

O que eu estava a fazer era precisamente o contrário! Num encontro de Fraternidade um amigo falou de como os seus dias estavam a ser, contando vários episódios que

tinham acontecido e que o tinham salvo desta inércia. Percebi claramente a diferença entre mim e ele: este meu amigo tinha-se jogado em todas as circunstâncias. Eu, pelo contrário, não estava a viver aquilo que me estava a ser pedido, mas sim a evitar máximo encarar o assunto. Voltar a encarar o meu trabalho (ou falta dele) como possibilidade de me relacionar com Jesus hoje, mudou tudo. Voltar a falar com as famílias que acompanho para tentar arranjar uma solução para este momento, foi finalmente o esgotar todas as possibilidades que me são dadas e, por isso, procurar verdadeiramente o significado de estar nesta situação. No final de tudo, até a pobreza se torna mais leve...

porque procurar incessantemente Jesus no instante que me é dado, permite-me ter a certeza de que até a pobreza me foi dada! É Ele quem m’a dá e, por isso, é oportunidade de relação com Ele.

Percebo agora que esta pandemia me foi dada para a minha conversão, porque logo no princípio do caminho assumi que só conseguiria dizer “sim” com as minhas capacidades, com o meu trabalho, com o meu dinheiro, etc... Agora comovo-me com a misericórdia que Jesus teve por mim. A verdade é que Ele quis este casamento e esta nova família muito antes do que eu, muito mais do que eu, e por isso é também Ele que o fará, e não eu à minha medida.

Leonor, Lisboa

O salto dos degraus

Desde que a quarentena começou, passo o dia inteiro com a minha mulher e o meu filho e tento ocupar o tempo entre um cansativo smart working, artigos, leituras, música, cuidar da casa e fazer compras. Mas, aos poucos, percebi como tudo o que fazia – até a observação escrupulosa das indicações do governo, das quais me tornei um especialista – nada mais era do que a organização de outras formas, outros hábitos ainda mais rigorosos e inflexíveis para me proteger do medo, da vertigem que sentia por dentro e que

achava ser capaz de dominar. De repente, isso ficou claro numa discussão que tive com a minha mulher. Ela é fisiatra, por isso não está diretamente envolvida na gestão da emergência. Durante duas semanas conseguiu-se organizar mesmo estando em casa, mas nos últimos dias tornou-se evidente a necessidade de voltar para o hospital. Diante desse facto, comecei a colocar uma série de objeções (justas e razoáveis) e a propor soluções para evitar o seu regresso, às quais ela contrapunha o seu desejo de voltar ao trabalho. Pouco depois percebi que a questão era muito mais simples: eu tinha medo. Exatamente como os apóstolos no barco com Jesus. Ao contrário deles, eu não era capaz de o expressar. Todas as minhas razões impecáveis, toda a minha perfeita organização, eram apenas uma maneira de evitar a vertigem que provoca o dar-se conta de que a vida, minha e das pessoas que amo, não está nas minhas mãos. Mas o que é capaz de vencer o medo? As lições mais importantes vieram do meu filho de dois anos e meio, a quem, alguns dias atrás, estava a ensinar a saltar alguns degraus que temos em casa. A cada salto que ele conseguia dar, fixávamos o ponto de partida num degrau mais alto. Quando estava no terceiro degrau, pedi que saltasse. Mas ele ficou paralisado. Depois, levantou os olhos, olhou para mim e disse: “Pai, tenho medo. Abraço.” Aproximei-me, abri os braços e ele lançou-se sem hesitar. Impressionou-me perceber como o meu filho consegue, com simplicidade, dizer que tem medo. Ele só o pode dizer porque está diante do abraço do pai. O gesto do meu filho foi uma ocasião preciosa de memória, porque estou a descobrir nestes dias que também é assim para mim. Posso dizer que tenho medo, posso olhar para a minha humanidade, para o meu pecado, porque há Alguém que me abraça agora, como eu sou. Dar-me conta disso vence o medo e gera uma inteligência da realidade capaz de me fazer aceitar o instante com um olhar novo, com uma paixão e uma criatividade que não consigo dar-me sozinho.

Davide, Ascoli Piceno (Itália)

“E eu, quem sou?”

As notícias diárias sobre os números do contágio, a interrupção das aulas, precisar de ficar em casa... Tinha medo. Sentia-me como se me tivessem tirado alguma coisa: a vida na universidade, a vida com os amigos. Estava triste por causa da sensação de ter “menos”, por causa do medo, das imagens que me assaltavam em relação ao que poderia acontecer. Nesta situação, peguei no texto da Escola de Comunidade

e fiquei impressionada quando li: “A vida é uma luta para afirmar Cristo”, e Ele “luta para invadir a nossa existência”. De repente, senti que Jesus me perguntava: “Pilar, e tu, quem dizes que Eu sou?”. Isso deixou-me em silêncio. Comecei o dia a pedir que tudo o que acontecesse fosse para responder a essa pergunta. Na carta à Fraternidade, uma pergunta provocou-me: “Como podemos estar como homens diante desta circunstância?”. Descobri que “estar como homens” me fere, desperta perguntas vertiginosas. Coloca-me diante de Alguém a quem pergunto “Quem és Tu?”, de modo tão profundo que toma toda a minha pessoa, a ponto de eu me perguntar: “E eu, quem sou?”. Diante do desafio de interpretar o que me arranca do nada, dou-me conta do que está a acontecer: a seriedade com a minha humanidade que me revela um Tu que me pede para responder com liberdade.

Pilar, Buenos Aires (Argentina)

A minha vulnerabilidade é a minha força

A escalada do número de mortos pelo Covid-19 e o número crescente de pessoas que estão a contrair o vírus preocupa-me. Não sei o que acontecerá com o meu País e com o mundo no futuro próximo. Em momentos como este, emerge claramente o homem com toda a sua fragilidade, e as suas tentativas de resolver todos os problemas mostram-se evidentemente inadequadas. Nem o maior cientista do nosso tempo nos pode salvar, nem as invenções tecnológicas. Fica claro que o homem não pode salvar-se sozinho. Tenho a certeza de que esta pandemia não veio para destruir o homem ou para o punir. Deus conhece todas as nossas fraquezas mais do que nós mesmos as conhecemos. Tenho a certeza de que quer fazer-nos perceber o que é mais essencial para a vida, o que nos pode arrancar do nada que normalmente nos engole. Aquilo que acontece é para o nosso bem, para o nosso crescimento e para o nosso amadurecimento. Deus está a chamar a atenção do homem sobre si. E espero que a partir de tudo isto se manifeste a Sua glória. Don Giussani diz que Deus não nos oferece consolação, simplesmente acontece. A realidade diante dos meus olhos é um testemunho disso. Quero viver esta realidade, sem esconder nada, não posso esconder nada, porque a minha vulnerabilidade vem à tona e é isso o que eu quero, porque se torna ocasião para me ajoelhar e pedir, para que seja feita a sua vontade. É daí que tiro a minha força, e isso dá-me a oportunidade de viver o dia todo a pedir que Ele permaneça comigo, e para enfrentarmos tudo juntos.

Gladys, Kampala (Uganda)

“Quem me fez fazer isto?”

Sou enfermeiro numa ala que trata de infetados pelo Coronavírus. Desde o início da minha disponibilidade, por um lado para responder à necessidade objetiva, por outro pela percepção de um forte desejo de dizer o meu “sim” ao imponente desafio que a realidade colocou diante de nós, com a consciência de que na minha história o Senhor sempre usou os meus “sim” para se tornar mais próximo e tornar-me cada vez mais “seu”. Para evitar possíveis contágios, decidi ir morar sozinho. Consegui encontrar uma casa e cercar-me de todo o conforto para “sobreviver” no isolamento: computador, tablet, Wi-Fi, séries de TV... pensando que tudo isso aliviaria a experiência de trabalho que várias pessoas tinham descrito como muito cansativo. O impacto dos primeiros dias foi efetivamente duro: muitos doentes em condições críticas, ritmo de trabalho elevado, o medo de não estar suficientemente protegido e de me infetar. Voltava para casa fisicamente exausto, e pensava: “Quem me fez fazer isto?”. Estava a sufocar. Depois, li o artigo de Carrón no Corriere della Sera e foi como respirar pela primeira vez ao fim de dias. E, assim, comecei a ir para o trabalho com o desejo de que Cristo me tornasse mais disponível para acolher, que se mostrasse a mim, no trabalho e em casa, e aos meus doentes. Os dias que se seguiram foram uma grande graça. Cristo começou a fazer-se carne precisamente nos rostos dos meus doentes: alguns muito sofridos, mas serenos e aos quais a única coisa que restava era fazer companhia até o fim, outros completamente “entregues” nas nossas mãos, necessitados em tudo e cheios de certeza na nossa presença de médicos e enfermeiros. Comecei a sentir necessidade de rever os seus rostos para aprender a viver, também eu, a dependência e o total abandono a Ele, que é o único que pode responder à infinita necessidade do meu coração. Sinto-me feliz, mesmo no cansaço, que permanece, como não me sentia há muito tempo, e é uma letícia que me arrasta e abraça tudo: os doentes com os quais tenho mais dificuldade de me relacionar, os novos colegas, a solidão da vida em isolamento. Tudo se torna, assim, ocasião de voltar à única relação que me torna mais eu mesmo e me permite não sucumbir.

Marco, Milão (Itália)

A grandeza das coisas pequenas

Neste tempo que tenho vivido fechado em casa com a minha família devido a esta pandemia, tenho vindo a perceber melhor o valor da rotina e da quotidianidade, como por exemplo: ajudar a preparar o pequeno almoço dos filhos, ajudá-los nos trabalhos da escola, ir passear com eles e com a minha mulher ao final do dia e, por vezes, ir ao supermercado fazer compras para a casa. Nunca como agora todas estas coisas me têm dado tanta alegria em fazê-las. Este período tem sido, para mim, um verdadeiro milagre da normalidade. Tenho vivido este tempo de “clausura” grato por aquilo que tenho e por aquilo que gostaria de ter e não tenho. Ultimamente tenho tido um desejo ardente de voltar a receber os sacramentos, e viver ainda mais intensamente o dia a dia. Dou graças a Deus por viver num país, que mesmo perante esta pandemia, é dos menos fustigados da Europa por este vírus (até agora). Tenho descoberto a grandeza nas coisas pequenas, que tem sido um reconhecimento e uma valorização de tudo aquilo que Cristo me tem dado. Este tempo de paragem tem sido educativo e crucial na reorganização da minha vida, para continuar a rotina diária, sem que nada me leve ao desespero. Tempo para ler, ouvir o outro e sobretudo rezar mais com a família. É como se Deus me dissesse “Este tempo que te dou de isolamento é o melhor que há para ti; aproveita-o para ouvires mais a tua mulher e os teus filhos; por isso, vive-o com letícia, vive-o intensamente e que te sirva para cresceres na fé e para Me amares mais.” Desejo que, quando esta pandemia passar, consiga continuar a viver o quotidiano com esta potência e alegria.

Pedro, Lisboa

O Vírus e os Pastorinhos

O vírus e os pastorinhos, o betão e as pedras vivas, a internet e a comunhão, a Igreja vazia e o coração cheio.

Sexta-feira, dia 1 de maio, na Igreja dos Pastorinhos em Alverca foi celebrada a missa de ação de graças pelos quinze anos da sua dedicação. Naquele dia, tinha sido muito diferente... Os pastorinhos vieram de helicóptero acompanhados por, nada mais, nada menos, do que a Mãe do Céu – não poderia ter decorrido em mês mais certo –, havia uma grande multidão em festa e muita alegria e confetti’s no ar. Na altura eu era uma criança de sete anos, estava na varanda de uma das casas em frente, com uns amigos de família, e passei o tempo a apanhar os confetti’s

que eram lançados para o ar. Lembro-me de ter levado para casa mais de cem, de todas as cores e tamanhos.

Quinze anos depois, o mesmo dia, ainda feriado, mas ninguém na rua...O Covid-19 obrigou todos a ficarem em casa. Alguns de nós, catequistas, pensámos transmitir a missa por Zoom, para além da habitual transmissão pelo Facebook, para podermos estar juntos, ainda que por meios digitais, com os miúdos com quem fazemos caritativa e as suas famílias.

Falando com o atual pároco, não houve qualquer problema desde que eu estivesse presente para tratar de toda a logística (e nestes casos, há sempre problemas de última hora). Cabos que não funcionam, redes que não se ligam, um olhar para as imagens de Nossa Senhora e dos Pastorinhos e um Veni Sancte Spiritus, Veni per Mariam e logo depois, ao som do toque de sino que marcava o início da celebração, a transmissão começa sem qualquer problema. Entrar numa Igreja vazia sempre me fez impressão, mas neste caso concreto era a minha Igreja, que eu considero como casa há mais de 5 anos, que estava vazia. Eu, dois padres, as mesmas imagens de Nossa Senhora e dos Pastorinhos... éramos todo o povo que ali estava reunido.

Dois meses depois da partida dos meus padres – chamo-lhes “meus” porque foi com eles que cresci na vida, na fé e no caminho – uma enorme onda de saudade levantou-se no meu peito. Tudo estava igual, os bancos tão ordeiramente arrumados como se preparados para acolher as crianças que uma atrás da outra se iriam sentar no banco da frente, o altar enfeitado com tantas flores, o mesmo “nervoso miudinho” que sentimos quando estamos à espera de que aconteçam coisas enormes, mas a Igreja estava vazia. Não pude deixar de olhar para isto com vertigem, eu, a quem tinha sido dado o privilégio de ser o único presente na assembleia naquele dia, senti uma preferência que nunca antes tinha sentido. Senti-me pequenino diante daquilo que Deus faz acontecer, impotente diante da grandeza do dom gratuito que Ele dá. Durante a missa só conseguia pensar: “é verdade, é mesmo assim, é isto!”, com uma grande comoção e uma clareza que me é pouco usual.

Durante a homilia, o Padre Marcelo falou da Igreja como lugar de encontro, mas principalmente da Igreja feita de pedras vivas que a nossa

comunidade é. Sem essa, a Igreja dos Pastorinhos não passaria de betão e tijolo e, por muito esplêndida que seja a construção, o seu valor não seria comparável ao valor do encontro que cada um de nós fez com Cristo.

“Glória não a nós, Senhor,
Mas a quem auxiliou os baixinhos
Nas horas de maior ardor
Pois a Virgem e os Pastorinhos,
Que em santidade são de valor,
Nos puseram em bons caminhos
Para chegar a Nosso Senhor”

Ricardo, Alverca



nº 5 maio 2020

01 *Editorial*

02 *Cartas*

07 *Primeiro Plano*

08 *Job e os seus amigos*

12 *Recuperar a minha humanidade*

14 *Um contínuo <<Eis-me aqui>>*

18 *Educar em tempo
de pandemia*

22 *Percursos*

35 *Livro do mês*


36 *Grande Foto*

38 *A História*



primeiro plano

*As perguntas e o
caminho começaram.
Para viver como
homens este tempo
sem precedentes.*



*O que
estamos a
aprender*

primeiro plano

Job e os seus amigos

(ou a imprensa espanhola perante o Coronavírus)

Uma viagem por entre as colunas dos jornais ibéricos no tempo da emergência. Diante da realidade que irrompe, reencontramos as duas posições que emergem no diálogo entre a personagem bíblica e os seus companheiros. Quem foge à pergunta e quem pede um significado.



Ignacio Carbajosa
Alfonso Calavia

8

Ignacio Carbajosa Pérez é sacerdote da Diocese de Madrid, professor catedrático de Antigo Testamento na Universidade de São Dâmaso de Madrid e diretor da revista *Estudios Bíblicos*. É responsável de CL em Espanha.

Alfonso Calavia é professor de Língua e Literatura Espanhola no Instituto Santo Inácio de Loyola de Torreloñe, Madrid. Segue a realidade educativa Be Education e colabora com Ultreya.

Como com o bíblico Job, a realidade impôs-se-nos inesperadamente, sem qualquer obstáculo, rasgando o véu da modorra habitual. O escritor espanhol J.A. González Sainz afirmou-o veementemente: «Na vida de um país ou de uma pessoa, há momentos em que a realidade, a realidade mais concreta e objetiva, a mais crua e menos temperada pelas receitas e pelos cozinheiros habituados a cozinhar mentalidades e histórias, irrompe inesperadamente com uma violência assustadora à qual não estávamos habituados.» (El Mundo, 20 de março).

Durante estes dias tem sido muito interessante seguir a imprensa espanhola porque nela podemos voltar a percorrer o diálogo entre Job e os seus amigos. Lembramos que, nas páginas da Sagrada Escritura, encontramos duas posições opostas perante a desventura. Por um lado, a de Job, que se deixa tocar pela tragédia e levanta a voz a pedir um significado, chamando Deus ao tribunal da sua exigência de justiça. Por outro, os amigos de Job, que reconduzem tudo ao que já é conhecido e se recusam a pôr em discussão as suas teorias (incluindo a imagem de Deus) a partir do embate com a realidade. Não há espaço para as perguntas.

Já Julián Carrón, na carta que dirigiu a todo o movimento, apresentava a alternativa descrita: «Nestas semanas, cada um de nós poderá ver que posição prevalece: a disponibilidade para aderir ao sinal do Mistério, para seguir a provocação da realidade, ou deixarmos-nos levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de nos distrairmos desta provocação, de evitar esta vertigem».

Deixemos que os amigos de Job se apresentem como atores de uma comédia. Como no livro da Bíblia, há três, que representam maneiras diferentes de enfrentar a realidade, evitando as perguntas que a desgraça nos sugere.



Elifaz, o primeiro amigo (o que diz a Job: «Chama, se faz favor! Haverá alguém que te responda?»), veste-se de “budista”. Uma vez que a satisfação dos nossos desejos está para além da porta – agora fechada – fechemos também nós a torneira do desejo, como propõe Lorena G. Maldonado: «Agora temos tempo para nos tornarmos budistas se nos derem a possibilidade de explorar o que acontece a não desejar. Ou, pelo menos, desejar sem uma satisfação imediata» (El Español, 28 de março). É uma posição que se insinua no equilíbrio que Pilar Rahola reivindica para si:

«Sou otimista por natureza e tenho a grande sorte de recuperar rapidamente quando as garras do pessimismo procuram agarrar-me, mas a nostalgia é um sentimento resistente, difícil de neutralizar, porque se exprime numa doce tristeza que dá um bocadinho de felicidade. Por vezes a tristeza pode ser bela, até agradável. Mas também pode descontrolar-se, porque todos os momentos tristes têm o seu demónio escondido, pronto a agarrar-nos, por isso refreio a emotividade galopante com a racionalidade e, lentamente, tudo reencontra o seu equilíbrio» (La Vanguardia, 5 de abril).

A seguir entra o segundo amigo, Bildad (que diz a Job: «Poderá porventura Deus desviar o direito ou subverter a justiça?»), este vestido de homem racional, para quem toda a realidade se reduz àquilo que a razão científica pode medir e explicar. Pepa Bueno apresenta-no-lo, revelando-nos a sua pretensão ingénuo: «Sentimo-nos desconcertados com facto de a ciência não ser monolítica. Nós, não crentes, corremos o risco de esperar que a ciência seja um perfeito substituto do Deus dos crentes: respostas únicas, claras e sobretudo infalíveis. Sabemos que não é assim, mas não o levamos a sério, até que chega a nossa vez. E agora é connosco, todos juntos e em circunstâncias muito dramáticas» (El País, 25 de março). Se tivermos sorte e nos vemos livre dele, tudo bem, mas se o pequeno inseto te tocar, viva a resignação, como proclama Ángel F. Feroselle: «Tentei explicar à minha filha, de quinze anos, penso que sem êxito, que por vezes a vida é uma porcária, e nada podemos fazer para o evitar. E que também nós, adultos, não conseguimos perceber porque é que isto está a acontecer, uma vez que não há uma explicação. E que o pai da amiga dela, Alicia, lutou até ao fim; e que os médicos o ajudaram com todas as forças que tinham, mas não bastou. O coronavírus derrotou toda a gente» (El Español, 2 de abril). Uma constatação científica.

A esta altura, entra o terceiro amigo, Sofar, muito mais prático e otimista do que o anterior. “Em tempos de confinamento é preciso distrairmo-nos, não há melhor analgésico do que o prazer!”. Pura filantropia para nós, como algumas ofertas generosas de pornografia na Internet a que se refere Quim Monzó, noutro artigo: «Agora oferecem isto aos espanhóis: “Dada a continuação das quarentenas, prologamos o acesso gratuito a Pornhub Premium durante este mês aos nossos amigos em Espanha, para os ajudar a passar o tempo divertindo-se”» (La Vanguardia, 19 de março). De alguma coisa temos de morrer, mas não nos lembrem disso, aves de mau agouro! Susana Quadrado adota a estratégia do Carpe diem: «Até chegar aquele dia, saiam à rua e andem com gosto no passeio. Mudança de estratégia. Sentirmo-nos vivos é o máximo! E se o fim do mundo tiver de vir, que te apanhe a fazer amor como se não houvesse amanhã» (La Vanguardia, 29 de fevereiro). Passemos agora ao santo Job, que suportou pacientemente os conselhos dos seus “amigos”. Mal tem palavras para responder; a sua ferida dói-lhe e atormenta-o. A sua vida anterior entrou em crise e as velhas respostas não lhe servem para nada. A sua batalha é outra e não quer distrair-se: ele procura um porquê. E chama o próprio Deus a tribunal.

Desde que a ameaça chegou à nossa porta, a



imprensa espanhola encheu-se de “homens de Hus”. Job tornou a abrir a boca, solicitado pelas circunstâncias adversas. Quem se deixa tocar pelo drama, repete uma palavra que tem o sabor de uma descoberta: “vulnerabilidade”. Parecia qualquer coisa que o orgulhoso homem moderno tinha deixado para trás, como reconhece Jorge Galindo: «Há uma atmosfera, um tanto estranha, como se viesse de um tempo que julgávamos ultrapassado. Um tempo em que a vida, o bem-estar e a convivência de todos eram um pouco mais frágeis. O Covid-19 restituiu-nos uma parte da nossa humanidade, ligada àquela vulnerabilidade esquecida» (El País, 12 de março). A pretensão que se encerra no progresso científico, explica-nos Pedro G. Cuartango, revela-se nas palavras da serpente tentadora do Paraíso: «Sereis como deuses», mas, «precisamente no instante em que o homem acaricia a almejada imortalidade prometida pela serpente, um vírus desconhecido vem fazer pouco de todas as nossas certezas e coloca-nos perante a dolorosa consciência dos nossos limites» (ABC, 13 de março). «Precisamos de nos agarrar a tábuas de salvação enquanto isto tudo acontece», conclui Rafael Moyano (El Mundo, 21 de março). Mas “vulnerabilidade” não é só uma palavra na moda. Quem a experimenta, como o velho Job, sofre, sente-se perdido, como reconhece, com uma sinceridade desarmante, Isabel Coixet: «Tudo o que dávamos por adquirido agora deixou de existir. E o que se abre à nossa frente é um nevoeiro denso, bem longe da luz. Reconheço que não sei como viver esta hora, estes minutos

Mas “vulnerabilidade” não é só uma palavra na moda. Quem a experimenta, como o velho Job, sofre, sente-se perdido, como reconhece, com uma sinceridade desarmante, Isabel Coixet: «Tudo o que dávamos por adquirido agora deixou de existir. E o que se abre à nossa frente é um nevoeiro denso, bem longe da luz.

que para mim se estão a tornar eternos» (ABC, 31 de março). O nevoeiro torna-se ainda mais escuro quando a morte se apresenta à nossa frente. Tinhamo-la esquecido, diz Antoni Puigverd, mas «chega um vírus cheio de medos e histeria mediática, talvez só para nos lembrar de que a morte existe. Para nos ajudar a recuperar o sentido da vida» (La Vanguardia, 26 de março). «Temos tanta morte diante dos olhos», acrescenta Jorge M. Reverte, «que nunca conseguiremos percebê-la, ou seja, apanhar-lhe minimamente o significado, e talvez por isso resistamos, com muito poucas exceções, à sua recordação» (El País, 3 de abril).

O pedido de significado, que em Espanha é tão negligenciado, insinua-se por entre as brechas de um mundo em pedaços. «Estivemos anestesiados durante demasiado tempo», diz Nuria Labari, «a fazer parte de um sistema que se engana

demasiadas vezes sobre as coisas fundamentais» (El País, 18 de março). Não se trata de reflexões profundas. A morte é a de uma pessoa querida que está sozinha no hospital. Ignacio Camacho dirige-se assim a uma mãe doente: «Hoje só te acompanham aqueles anjos da guarda, vestidos de fatos de proteção, enquanto todos nós ofuscamos os vidros das nossas janelas, embaciando-as com a esperança. Não sei se serve rezar, como dizíamos naquela manhã, nem se a energia cósmica de que falam os do pensamento positivo é suficientemente forte para te fazer levantar da cama. (...) Mas alguém tem de ouvir este grito na terra ou no céu» (ABC, 24 de março).

Cabe a Deus responder a este grito, direta ou indiretamente elevado ao céu. E é claro, como no livro da Bíblia, que só quem deixou espaço ao grito ou ao pedido pode intercetar uma possível resposta.

Recuperar a minha humanidade



Giorgio Vittadini

Professor catedrático de Estatística Metodológica na Universidade de Estudos de Milão Bicocca, preside à Fundação para a Subsidiariedade e é um dos organizadores do Meeting de Rimini.

12 **T**êm sido dias, estes passados em casa na sequência da pandemia, verdadeiramente inquietantes. Desisti de tentar calar a ansiedade, o sofrimento e a preocupação agarrando-me a um qualquer “tem de ser”, como “ter” de olhar com positividade, “ter” de aproveitar a oportunidade para mudar, “ter” de aprender, de me aperfeiçoar. Até o “ter” de encontrar o Senhor. Sinto-me filho de don Luigi Giussani e para mim não pode ser cristão nada que não seja acima de tudo humano. Por isso, sim, inquieta-me tanto sofrimento, tanto medo e tanta incontável incerteza que respiro todos os dias. Decidi sobretudo viver simplesmente procurando ter os pés assentes neste presente. Cada dia derrapo para a “modalidade prisão”, em vez de “clausura”. Houve um momento em que tive a dúvida de me ter tornado ateu, porque a certa altura a oração que encontrava no breviário ou na

A tentação de agarrar-se ao “tem de ser”. A decisão de ter os pés assentes no presente, a oração no trabalho... Assim a vida «exige que eu viva». E dá um valor novo à construção a começar de baixo, mesmo quando pensas que sabes bem do que se trata

missa começou a deixar de me servir. Um dia, após a enésima hora passada a gravar as aulas para os meus alunos (coisa que não é de todo banal, mesmo depois de quarenta anos de carreira universitária, porque tenho de fazê-lo à frente de uma câmara e cada vez que me engano tenho de recomeçar do princípio) dei-me conta de que a minha oração era precisamente o meu estar, era fazer o trabalho que eu tinha que fazer. Como percebi isto? Porque ali dentro estava um desejo novo: o desejo de um mais, o desejo de ser até ao fundo a pessoa que Deus me chamou a ser. O canal de comunicação com o Senhor tornou-se então ardente.

Neste momento decidi em primeiro lugar estar em cima do acontecimento: não deixar os deveres a que sou chamado, mas procurar uma consciência diferente, mais profunda. Para além de gravar as aulas,

responder às perguntas dos alunos no fórum, dialogar por vídeo com eles na Webex, continuar a levar por diante os projetos culturais em que estou envolvido, tudo é parte da vocação a que fui chamado há quarenta anos. Não existe uma parte religiosa da vida e uma parte “civil”: a vida é um todo que exige que eu viva.

Impressiona-me o constante apelo ao silêncio como instrumento para nos olharmos a nós mesmos e ao Mistério. Conheço imensas pessoas para quem isso é efetivamente um veículo útil. Eu sou feito de maneira diferente: o Mistério vem ao meu encontro no suceder vital e contraditório da realidade, ao passo que o silêncio é só o espaço, o instante em que conquisto a distância para ver tudo, um pouco mais como homem, um pouco mais na companhia de um Deus, como disse o Papa, doente como eu só que, ele, doente de misericórdia.



© ARGO

Nestes dias dei-me conta de que para mim o silêncio é escutar o que sucede: pessoas, coisas a fazer, problemas que tenho de resolver. Aconteceu-me ouvir o apelo de alguém para que estes dias não sejam “bulímicos”, cheios de coisas para fazer, de relações que nos entretêm obsessivamente através de videochamadas de toda a parte. A minha vida está cheíssima, também porque eu a encho, mas não me importa torná-la diferente, porque eu sou assim, interessa-me só poder reparar que existe, e está ali para mim. Ora bem, é isto – acho – que me pode mudar. E é difícil aceitar mudar e, de facto, alterno entre a tentação de seguir de modo gregário o pensamento dos outros, ou então pensar que já sei. Nada me defende da necessidade de encontrar o meu caminho, as minhas palavras, a minha experiência, as minhas preferências, quer em relação à história à qual pertença, quer em relação à história do mundo.

A outra experiência fundamental que tenho feito nestes dias tem a ver com a amizade: verifiquei que o afastamento mata os fogos pequenos e faz explodir os grandes (e a tecnologia foi uma ótima cúmplice nesta verificação). Neste sentido, sensibilizou-me muito a disponibilidade para dar a vida, o tempo, o dinheiro para quem precisa, em tantos âmbitos, da escola aos hospitais e ao mundo do trabalho. Que companhia posso eu viver com estas pessoas? Sinto-me amigo delas. E dou por mim “em pulgas” porque gostava de estar lá a ajudar, a ajudar quem sofre, e a apoiar quem luta e enfrenta como pode esta tragédia. Sim, tragédia. Não quero de maneira nenhuma dourar a pílula: para muitas pessoas,

muitíssimas, o que estamos a atravessar é uma tragédia sanitária que arrisca seriamente tornar-se uma tragédia económica.

Por isso, penso que nunca percebi tão bem o valor de uma coisa que há tantos anos anda comigo de mãos dadas: a cultura subsidiária. À busca, típica de adolescente, da contraposição, gostava que se impusesse mais o impulso para conhecer, para perceber, para aprofundar o que está a acontecer no plano humano, sanitário, económico, social.

O empenho nas obras em que estou implicado, principalmente a Fundação para a Subsidiariedade e ilsussidiario.net, mas também o Meeting de Rimini e iniciativas originadas noutras realidades culturais, tornou-se para mim, ainda mais claramente, a oportunidade para aprender a não deixar cair o desejo de construir e imaginar como “a partir de baixo”, de modo subsidiário, se pode colaborar na construção de um novo bem comum, tornando a povoar lugares onde possamos continuamente aprender uns com os outros. O que eu espero é a recuperação de uma experiência humana verdadeira, como a de quem construiu os pilares da Itália republicana, descobrindo o significado existencial e pessoal do outro, ainda que diferente, como um recurso. A construção do bem comum, numa democracia participada e parlamentar não é um incitamento moral, mas o que de mais verdadeiro nos têm mostrado estes dias difíceis. E serão decisivos também para encontrar as melhores soluções operacionais. ■

Um contínuo «eis-me aqui»

O valor do instante. E a colaboração para o bem do mundo, seja qual for a situação em que nos encontramos. O Padre Sergio Massalongo, prior do mosteiro da Cascinazza, confronta-se com as palavras de Julián Carrón na carta ao movimento: «O nosso sim a Cristo é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje»



Paola Ronconi

14

«**P**rodesse omnibus cupientes», desejosos de beneficiar todos. Assim escrevia há 900 anos Santo Estevão Harding aos monges na Carta Charitatis (texto legislativo da ordem cisterciense) para indicar aquela necessidade tão humana de contribuir para o bem de todos que hoje o Coronavírus – com todo o drama que tem trazido – trouxe à tona de forma tão poderosa.

Mas “contribuir” ainda não é suficiente: na verdade, aquelas três palavras latinas vão muito mais longe. Como se pode beneficiar os homens, estando fechados entre quatro paredes, como é o caso de quase todos nós? Como podem a convivência diária, as tarefas dos filhos, o teletrabalho ou não ver nem

tocar as pessoas queridas numa cama de hospital colaborar para o bem de todos?

Na sua carta de 12 de março ao movimento de CL, o padre Julián Carrón indicou uma via: «O nosso sim a Cristo, mesmo no isolamento em que cada um de nós pode ser obrigado a estar, é já o contributo para a salvação de todos os homens hoje».

Fomos bater (telefonicamente) à porta da Cascinazza, um mosteiro beneditino às portas de Milão, para ouvir quem vive sempre dentro de quatro paredes e que, neste aparente **escondimento**, «com a sua mera existência dá testemunho de que o Senhor é vitorioso», como escreveu monsenhor Giussani a esta comunidade. «Para mim, estar no mosteiro não é por uma mania de perfeição minha, mas resposta à Sua chamada, é um contínuo “eis-me” aqui», diz o padre Sergio Massalongo, prior da comunidade.

Padre Sergio, como se pode contribuir para o bem do mundo numa situação como esta, estando em casa, na banalidade das coisas de todos os dias ou estando sozinhos?

Em primeiro lugar, a natureza da vocação não é ser monge, ser empregado, dona-de-casa, etc., mas sim seguir Cristo na forma que Ele escolhe para mim: «Faz de mim o que Tu queres». Esta resposta já é a utilidade da vida, o contributo pessoal para que cada homem se reencontre na verdade. Se isto é verdade para mim, é verdade para todos. Há um Dito dos Padres



do deserto (século IV) em que um jovem monge, depois de algum tempo de prova, vai ter com o ancião e diz-lhe que não pretende continuar e quer voltar para casa. O ancião responde-lhe «Recordate que vieste até aqui porque o Senhor te trouxe, se fores embora agora, vais sozinho». Quero com isto dizer que o Senhor nos pode conduzir ao deserto ou pregar-nos entre quatro paredes, e fazer-nos passar através das provações mais duras, mas está sempre connosco e nunca nos deixa sozinhos, a Sua Presença é a nossa força. E vice-versa: se eu quero

fazer a minha vida, estou à mercê de mim próprio e já não sei onde vou parar; sinto-me aprisionado, acabado e insatisfeito dentro do que quero. No fundo, o facto de que Jesus me escolheu, me amou e me possui é mais forte como definição do meu rosto do que todas as escolhas que eu faço. É mais forte porque para Ele nem sequer o meu mal e o meu pecado são objeção. Eu posso negar isto, posso recusá-lo, mas não posso evitar que Ele me tenha escolhido e amado. Esta é a minha certeza e a possibilidade de uma indomável esperança de



O que quer dizer, para vocês, dizer sim à vossa circunstância, ao instante que têm para viver agora?

É uma disponibilidade para o Mistério segundo a modalidade e as condições com que Ele bate à minha porta neste instante. Dizer-lhe “sim” quer dizer deixá-lo entrar nesta situação presente através da pobreza da minha carne, para que Ele transforme a realidade na sua verdade. Fomos chamados a ser instrumentos da Sua glória no mundo. Jesus disse à samaritana que «os verdadeiros adoradores não-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende» (Jo 4, 23). Tal como o “sim” de Nossa Senhora gerou Cristo no mundo, também o nosso quotidiano e pobre “sim” àquilo que nos é pedido contribui para a salvação do mundo.

O que vos ajuda nisto?

Três coisas. Seguir a palavra objetiva da Igreja e aqueles que a tomam como referência. Aceitar a condição do sacrifício através da qual o Senhor nos faz passar: estar pregados às quatro paredes da casa como aos quatro

braços da Cruz. Terceiro, o exemplo dos irmãos que vivem comigo no mosteiro.

Silêncio e oração. A Igreja indica estas dimensões a todos. Mas por que razão um homem deveria desejar o silêncio? Aparentemente parece ser só ausência de barulho...

Não é o silêncio que eu desejo, mas eu desejo Cristo, e Cristo é um facto que acontece e se impõe, e isto gera espanto e silêncio, é uma Presença a olhar e a seguir. Cristo pode acontecer no barulho caótico de uma grande cidade, nos hospitais cheios de doentes como neste tempo, tal como pode acontecer a limpar um estábulo. O ponto é que quando O surpreendemos em ação, sentimos que o nosso gesto é amado, é libertado, é construtivo porque é admitido a colaborar no Seu desígnio. No silêncio é mais fácil reconhecer a Sua voz, está cheio da memória de Cristo. Mas não da memória de Cristo que eu penso, fruto dos meus bons propósitos. O silêncio é verdadeiro na medida em que o seu conteúdo é a palavra que Cristo me disse a mim para a minha mudança, por isso é uma obediência viva, uma escuta contínua de adequação da minha vontade à Sua. É uma identificação. A Sua palavra tem uma pretensão totalizante sobre a minha vida, e o trabalho verdadeiro consiste em levar à letra o que me foi dito. Sabemos nós qual é o ponto, o único ponto decisivo sobre o qual empenhar a vida toda? Que palavra te foi dita com autoridade, que tem valor supremo de direção? Se não o sabemos, ou se essa palavra é confusa, o nosso silêncio é um vazio ensurdecedor e precisamos de nos distrair em aparências inúteis. Por isso, a verdade do conteúdo do silêncio envolve a pergunta: quem é a tua autoridade? És tu ou é Outro? Quem estás a seguir? A que estás a responder?

Numa carta de 15 de março, o abade geral cisterciense, padre Mauro-Giuseppe Lepori cita o salmo 46 (45): «Detei-vos e reconheci que Eu sou Deus». Estas palavras ressoam com um tom particular, nestes dias em que o mundo inteiro parou de correr. Mas o que quer dizer “deter-se” diante da Sua presença? E o que nos pode ajudar a aprendê-lo?

Onde é que eu reconheço a Sua presença para mim? No lugar onde o Senhor me pôs, que é o mosteiro, que é o Movimento. Aí dentro, é preciso “deter-se” e olhar para como Ele acontece, porque dali vem a única verdadeira direção, dentro da rede de uma infinidade de vozes e de opiniões. Neste tempo de epidemia, o encerramento dos nossos portões faz-nos orientar o olhar para dentro de casa e redescobrir o seu valor, que já nos é dado tudo. Num encontro da comunidade, um irmão disse: «Esta circunstância é um desafio para verificar qual a companhia de que necessitamos. Não há sequer o rosto do carteiro, como pretexto de dirigir o olhar para fora destas paredes. Ou intercepto Cristo aqui, nos vinte e um rostos que me são dados, ou o meu ser funda-se numa mentira última... Cristo basta-nos ou não? Porque se não nos basta, mesmo que não tenhas apanhado o vírus, podes estar morto na mesma». Assim, esta condição de prova pode ser aproveitada, não como objeção, mas como ocasião favorável, como recurso para nos deixarmos “contagiar pela comunhão” de Cristo entre nós, que transforma a proximidade em casa de Deus, como o modo com o qual Ele pretende edificar o nosso mosteiro agora. E paradoxalmente este exílio que vivemos é a maneira em que todas as coisas, recuperadas da distração, voltam ao seu verdadeiro significado, voltam à origem, e onde o outro adquire o seu verdadeiro rosto.

Muita gente está a ser atingida pela dificuldade e pela dor: como se pode «abraçar as contrariedades, para abraçar a cruz de Cristo», como disse o Papa na praça de São Pedro no dia 27 de março?

Na sua regra, a propósito do quarto grau da humildade, quando São Bento fala do monge que passa por um qualquer tipo de prova e de sofrimento, aconselha-lhe em primeiro lugar: «Tacite conscientia patientiam amplectatur», ou seja, abraçar em silêncio a paciência no coração, como se a paciência fosse uma pessoa para abraçar. Em última análise, nas provações, é Cristo quem se abraça, para n’Ele encontrar sustento. Só alguém que experimentou o sofrimento é capaz de se compadecer do sofrimento dos irmãos, como forma maior do amor. Ainda nos Ditos dos Padres do deserto, lê-se: «Os anciãos diziam: “Cada um deve fazer seu tudo quanto acontece ao próximo, sofrer com ele a todo o momento, chorar com ele, sentir-se como se tivesse o seu próprio corpo e como se ele próprio estivesse atribulado, quando o irmão é atingido por uma tribulação, tal como está escrito: formamos um só corpo em Cristo (Rm 12, 5) e “A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma (Act 4, 32)”». Só é convertido ao amor o que é acolhido e se converte em dor. Só é possível abraçar as contrariedades e toda a dor humana olhando para os

sofrimentos de Cristo, é nesse ponto que os nossos também ganham sentido.

Neste momento, não podemos ficar indiferentes ao grito de dor dos nossos irmãos; Deus está a chamar muitos ao sacrifício para que nos tornemos mais verdadeiros. Se não respondemos a esta chamada, participando cada um da forma que lhe é concedida, tudo isto sucede inutilmente, quase por acaso, e isto seria desumano. O sofrimento do outro chama-nos a sermos nós próprios.

Pelo que percebemos, a vossa vida não sofreu particulares alterações. Como têm vivido estes dias?

De facto, com exceção da clausura total, a nossa vida comum dentro do mosteiro decorre com a regularidade de antes. Estamos a preparar os campos para semear e dedicamo-nos aos outros trabalhos como habitualmente. A celebração da liturgia também não sofreu variações. No entanto, tudo se tornou mais dramático, a vida está menos distraída, ajudamo-nos a escutar o que o Senhor nos quer dizer nesta circunstância e a implorar-Lhe por todas as intenções que nos chegam sob várias formas através dos irmãos próximos e distantes, para que o Senhor tenha piedade de nós e pare este flagelo. ■

Educar em tempo de pandemia

O que está a aprender quem ensina?

Pedimos a alguns amigos que nos contassem a sua experiência. De seguida transcrevemos alguns trechos das suas cartas, disponíveis no site do Movimento <https://por.clonline.org>, para poderem ser lidas na totalidade da sua riqueza.

18 Sou professora numa Unidade Especializada de Multideficiência, o que significa que trabalho com crianças com grandes limitações físicas e psíquicas. (...) Os meus dias são uma alegria, cantar com as crianças, ouvir as suas vozes ou sons, ver os seus sorrisos e expressões, a sua alegria, a sua dor ou tristeza; dançar com os seus braços e rodar as suas cadeiras como se estivéssemos num verdadeiro baile; receber os seus abraços descontrolados... Mas é o que me sustém como educadora, “apaixonar-me” por cada cada um!

Nestas últimas semanas, tudo tem sido bastante mais difícil, pois o contacto é muito limitado e a capacidade de comunicação das minhas crianças é, em geral, bastante limitado e exige uma dimensão muito física. No entanto, **este tempo tem sido também oportunidade de redescobrir e aprofundar algo extraordinário: a minha relação com estes pais! Tenho aprendido imenso com os pais. (...)**

Patrícia

Sou professor de Matemática há 15 anos...

Quando fomos obrigados a ir para casa, comecei imediatamente (na mesma tarde) a propor exercícios aos meus alunos e no dia seguinte a dar aulas online. Não tenho dificuldades com a tecnologia e a matemática presta-se a aulas em esquemas, por isso não achei difícil. Comecei por filmar o caderno onde ia escrevendo os exercícios, à medida que os explicava; depois passei para uma mesa digital. Corre bem.

Mas corre bem por causa da relação que já estava estabelecida com os meus alunos. (...) Porque existe uma relação de confiança mútua que permite a compreensão da matéria e a aprendizagem, quer seja mais fácil, quer

haja dificuldades.

Educar é uma experiência presencial. (...) Esta circunstância não me impede de ser professor. Mas sublinha a importância e a beleza das relações carnis: fomos feitos para crescermos juntos.

Tiago

Para mim este tempo de confinamento e distanciamento físico não começou propriamente por ser algo fácil.

Sendo eu professora e como apelidada por alguns, como sendo a “professora da afetividade” e da relação presencial com os meus alunos, o início foi um pouco estranho, estava receosa, ansiosa e com medo de não conseguir os objetivos propostos, continuar a dar continuidade às matérias e os meus queridos alunos continuarem a aprender.

Mas, graças a Deus e a esta Companhia que me ajuda a olhar e viver as circunstâncias que me são dadas e nunca esquecendo que a realidade é positiva, desde logo é tendo a certeza de que as circunstâncias que me eram dadas viver seriam aquelas, a maneira como eu olharia para elas é que faria a diferença. Então, rapidamente, pedi ajuda aos amigos, instalei o Zoom e a partir daí, tudo se tornou mais fácil, o longe fez-se perto, e ainda antes das aulas recomeçarem no terceiro período, a realidade já tinha começado a dar sinais positivos. Sim! **Tive a graça, mais uma vez, de à distância ser sustentada por esta Companhia concreta que são os amigos do CL.** Fiz Escola de Comunidade, participei no Retiro de Páscoa, com o Padre Ramiro, participei nas Assembleias de Responsáveis e assisti à apresentação de livros.

E desde o início do terceiro período, dou aulas diárias



aos meus alunos, é verdadeiramente uma alegria, apesar da distância, podermos ver-nos é extraordinário! A realidade impõe-se e nós através do olhar verdadeiro, que deve ajuizar todas as coisas, percebemos que no fundo, há sempre uma positividade e é a Companhia que me relembra disto e por isso é muito importante permanecer.

Por último tenho vontade de dizer, **Obrigada Zoom! Por me ajudares a manter-me na Amizade com todos.**
Manuela

Neste tempo, tudo é para aprender, tudo. Do dia para a noite viemos para casa, e tivemos de nos adaptar. Tudo é diferente. E não podemos dizer que é igual ao estar na escola. A coisa fundamental que tenho aprendido nestes tempos é que sou necessitada: dos meus colegas, somos três, partilhamos tudo, e torna-se mais fácil o nosso trabalho; dos meus alunos, ainda que seja difícil muitas vezes, vê-los em ação por quadrados minúsculos. Depois percebi uma coisa que espero que fique para o futuro, que nasce em mim uma criatividade no fazer e no pensar, sobretudo quando estou apaixonada por aquilo que faço. É isto que tenho visto, nestes tempos, um gosto em fazer e fazer bem. Sei que é um risco, cada vez que faço um vídeo e me exponho não sei como pode ser usado, mas **aquilo que sei, é que passar um dia todo a preparar uma aula, dá-me um gosto enorme.**

Patrícia

O dia em que me disseram que o colégio tinha fechado

e tínhamos de começar a trabalhar a partir de casa foi encarado com uma grande naturalidade. Afinal uma pandemia pode trazer estas consequências. Fiquei cheio de confiança de que seria totalmente capaz de dar conta. Afinal eu estava preparado para o fazer porque tenho feito várias formações e sou bastante tecnológico. (...). À hora marcada estávamos todos lá. Fiquei bastante satisfeito com a aula porque consegui manter o mesmo entusiasmo em falar aos meus alunos sobre rochas. Afinal de contas, a minha paixão pela Geologia mantinha-se igual e o meu esforço em transmitir esse entusiasmo não diminuiu com a distância física. Mas um vazio entrou pelo coração e a razão não conseguiu explicar. Acho sempre que consigo dar resposta ao que se passa ao meu redor mas desta vez não estava a conseguir. Num dos intervalos das aulas, e durante um encontro com vários educadores [promovido pela Fundação Maria Ulrich], saiu-me uma frase que definiu o que tanto me perturbava: «sinto que não estou em relação com os meus alunos». Foi preciso arriscar um juízo sobre esta frase e tive de pedir ajuda. Foi preciso perceber que a mecânica da aula estava montada, mas faltava **o mais importante: a relação entre os sujeitos; entre cada um dos meus alunos e eu. Foi preciso tomar consciência deste passo para ser capaz de, todos os dias, dizer aos meus alunos «Eu estou aqui, agora» e começar por estruturar todo o trabalho em função do que lhes quero ensinar. É aqui que se joga toda a nossa relação.** Afinal de contas, as tecnologias são apenas

um meio, mas é no «estar com» que toda a relação educativa se joga.

José

Não posso dizer que me tenham puxado o tapete, pois no dia em que o colégio fechou a minha consciência sobre a nova realidade de fazer escola ainda não era muito palpável nem tão pouco definida. Lançaram-nos o desafio de nos mantermos presentes e com um ensino de rigor, tal como nos caracteriza. (...) Entrámos no mundo virtual! Numa primeira fase começámos por fazer pequenos filmes explicativos com exposição da matéria, aliado a uma proposta de trabalho que visava a implementação e treino dos conteúdos expostos. Para além disto, tentávamos criar uma atividade mais lúdica que permitisse aos alunos jogar e aprender ao mesmo tempo. Foi neste momento que o meu tapete começou a fugir! (...) Escrevo este testemunho ao fim de quatro semanas seguidas de ensino à distância de forma diária e de certa forma presencial – através das plataformas que nos permitem ver uns aos outros -. Posso dizer, com toda a certeza, que as expectativas foram superadas largamente, não só as minhas, mas também as de muitos pais pelas mensagens e e-mails que enviaram. Assim como no ensino presencial, também aqui encontramos alguns desafios e constrangimentos. (...) As duas grandes diferenças estão: (1) na possibilidade limitada de corrigir e controlar o trabalho feito pelos alunos; e (2) na nossa capacidade de fazer passar a mensagem de forma mais objetiva e sucinta, que, em crianças de 8/9 anos nem sempre é fácil. (...)

Toda esta experiência é nova e desafiante, no entanto não deixa de ser semelhante à que já vivíamos no nosso dia-a-dia. O segredo para o sucesso de qualquer aula, a meu ver, está na criatividade e na relação que criamos com quem estamos todos os dias (alunos, pais, professores, diretores...). **O trabalho feito antes de toda esta pandemia permitiu-nos chegar a esta situação e vencer de certa forma.** Gosto de pensar que o nosso percurso, ou pelo menos o meu, foi feito de forma ascendente e progressiva. Tal como São Francisco de Assis aconselha: “Comece por fazer o que é necessário, depois o que é possível e de repente estará a fazer o impossível”.

Mónica

Somos amigas e trabalhamos numa pequena escola, algumas com responsabilidades na coordenação. À medida que avançávamos com tentativas para nos antecipar ao encerramento das escolas,

surgiam perguntas práticas: será que os miúdos têm computadores? Será que os pais os conseguem acompanhar? Será que conseguimos fazer “as mesmas coisas”?

Apesar de nunca nos ter passado pela cabeça “não responder” a esta circunstância, parecia sufocante imaginar-nos em frente a um computador a dar aulas, contar histórias, cantar, ensinar a ler, fazer concursos de tabuadas... E aí chegou a carta do padre Carrón: “Nestas semanas cada um de nós poderá ver que posição prevalece: a disponibilidade para aderir ao sinal do Mistério, para seguir a provocação da realidade, ou deixarmo-nos levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de nos distrairmos desta provocação, de evitar esta vertigem. Cada um de nós poderá, depois, verificar a consistência real das “soluções” em que foi procurar refúgio”. **Então percebemos que se tratava de seguir a provocação da realidade e não de uma adaptação dos meios, de um ajuste às novas circunstâncias para fazer “as mesmas coisas”.**

O primeiro facto imponente é que estamos impedidos de ir à escola e não podemos fazer o que sempre fizemos. Ou melhor, podemos tentar, mas não queremos. Estamos em casa, com as famílias, e isso é um dado. Mudámos a perspetiva e fomos à procura dos sinais de beleza e de bem, dos traços daquele Rosto bom que nos sustenta. Encontrámos um caminho de trabalho pessoal: para saber o que é bom para as crianças, fomos verificar o que é bom para nós. (...) **A experiência de seguir uma hipótese da qual nós estamos certas suscitou um entusiasmo capaz de oferecer um caminho para muitos.**

Descobrimos que cantamos o “Bom dia” com as crianças pequenas porque queremos nós começar o dia nas nossas casas a espreitar as caras dos alunos e dos colegas, que nos fazem falta. Propomos pequenas actividades em vídeo diariamente para alguns e em directo para os mais crescidos porque queremos encontrar a beleza do dia-a-dia, porque queremos nós - antes de mais - continuar a reparar no Mistério que se faz presente, mesmo dentro das quatro paredes das nossas casas.

Algumas famílias agradecem-nos a companhia e confessam a sua perplexidade com a proposta tão positiva no meio da confusão. Outras famílias manifestam dificuldades e até desacordos, que nós começámos a acolher sem escândalo porque também essas fazem parte do sinal do Mistério. Temos medo de não saber fazer, de não estar à altura, mas foi crescendo a consciência de que fomos preferidas, escolhidas para viver neste tempo, nestas semanas. Se é assim, tudo tem lugar.

Por vezes, entre nós, discutimos e zangamo-nos porque não nos é poupado realmente nada e nem isso

se revela um obstáculo. É cansativo trabalhar assim, é desajustado e queremos voltar para a Escola. Mas **estamos profundamente gratas por ter recuperado a consciência de sermos educadoras, isto é, pessoas apaixonadas e livres que vivem intensamente o real. É isso, só isso, que temos para oferecer aos miúdos e ao mundo.**

Ana, Catarina e Matilde

Sou professora de Artes do pré-escolar e 1º ciclo, no Colégio de São Tomás, uma graça que agradeço, um lugar que me transforma e educa. Dia 12 de Março, primeiro dia de confinamento, com aulas para dar através do computador! (...) Hoje, **no quinquagésimo sexto dia, nas mesmas circunstâncias, mas com um olhar diferente, consigo testemunhar muitas surpresas, com a família, com os alunos. Trabalhamos e descansamos.** Tenho visto nos meus alunos uma grande resiliência, uma enorme vontade de trabalhar e de aderir ao que lhes é proposto. (...) Nestes dias, os meus alunos têm aproveitado mais do que nunca a presença dos professores. E isso é fruto de uma relação, verdadeira, que já viviam no Colégio. (...) Outro desafio que foi adaptado a esta nova realidade foi a produção da peça de Teatro do 1º ciclo, proposta central do Colégio. Também os castings revelaram a criatividade dos alunos através do empenho, da confiança e da relação com os professores. Vimo-los muito contentes. (...) Faz-me falta estar com eles, falar com eles, brincar com eles, ajudá-los a desenhar, mas tenho visto acontecer em mim uma forma, também verdadeira, de estar com os alunos, e isso conforta-me. **É bom perceber que não controlando tudo, confiando e trabalhando, coisas bonitas acontecem e, assim, como sempre podemos descansar no Senhor.**

Carolina

Este ano faz 37 anos que comecei a dar aulas. (...) Achava e continuo a achar que sei dar aulas, que sei construir instrumentos de avaliação diversificados e que sei propor trabalhos, lançar desafios e avaliar alunos. (...) Estas seguranças foram abaladas pela porcaria de um vírus que me atirou para casa e para o teletrabalho. Aporcaria do vírus demonstrou-me que não dominamos tudo, contrariamente ao que nos queremos convencer. Nós dizemos “Não dominamos tudo” e eu já o dizia com toda a convicção, mas, agora, trata-se de viver isto na vida concreta do dia-a-dia e, concretamente, numa coisa que eu já tinha programada até ao final do ano. A porcaria do vírus desorganizou tudo e está a obrigarme a reinventar-me como professora sem deixar de ser



eu própria. (...) Período duro que me obrigou e continua a obrigar a aprender a trabalhar com um conjunto de ferramentas novas que eu nem sabia que existiam quanto mais saber trabalhar com elas. Não sabia porque não precisava. (...) Período duro que me revela uma coisa que eu sempre soube que é verdade e até a digo várias vezes aos miúdos, mas que nunca tinha vivido com tanta intensidade. Eu não domino os meus alunos, não sou eu que garanto que os meus alunos aprendam – a minha relação com os alunos é um encontro de duas liberdades. Só aprende quem quer aprender.

Segundo desafio – Como é que se avalia os miúdos neste sistema? (...) O vírus obriga-me a repensar o modo de avaliar de forma a poder fazê-lo com seriedade. Obriga a experimentar instrumentos que encarem a circunstância, que não ignorem, que não aldrabem. Instrumentos que enfrentem a circunstância como ela é: (...)

O isolamento social não é um intervalo na vida. Percebo-o como uma oportunidade de, diante dos obstáculos e das dificuldades que se apresentam, para me fortalecer. Sempre tive consciência de que a minha formação não estava terminada, mas esta circunstância tem-me aberto campos que eu quero desenvolver e incorporar naquilo que sou como pessoa e como profissional.

Estou a encontrar coisas que quero incorporar no meu método de trabalho: (...) A porcaria do vírus abriu um conjunto de oportunidades que eu quero aproveitar.

Maria João ■

per

23

*Luigi Giussani
O toque do
Mistério*

cur

25

*Marcos Vinicius.
A vida em tom
maior*

sos

29

*Se o Céu se
curvar sobre o
homem*

33

*A arte rupestre
em Vale do
Côa e a nossa
Quarentena*

O toque do Mistério

«O Terço é como se fosse a síntese de tudo aquilo que o povo cristão é capaz de pensar e dizer a Cristo».
Um presente aos leitores para o mês mariano: uma meditação de don Luigi Giussani, publicada em 2000

«**Q**uos redemisti, tu conserva, Christe»: aqueles que redimiste – aqueles que quiseste, projetados por ti –, salva-os, conserva-os, Cristo. Salva-os em qualquer circunstância em que os faças permanecer. É com segurança que nós gritamos a Deus a nossa gratidão.

«Aqueles que tu redimiste, conserva-os, Cristo». Aqueles que tu chamaste. Cada um de nós foi chamado, tocado pelo dedo do Senhor, investido pela chama do coração. A resposta a esta eleição reside toda na oração da qual somos capazes. A nossa resposta é uma oração, não é uma capacidade especial; é o ímpeto da oração somente. Entramos no mês de maio. O povo cristão, desde há séculos, foi abençoado e confirmado no facto de que tende para a salvação, penso eu, especialmente por uma coisa: o Santo Rosário. O Terço é como se fosse a síntese de tudo o que o povo cristão é capaz de pensar e de dizer a Cristo.

Síntese de todo o programa de redenção do mundo, da dignidade a reconhecer, de uma caridade a viver, na vitória sobre a morte na crucifixão; não, não na crucifixão, mas na Ressurreição. Porque nós somos salvos pela Ressurreição.

O uso do Terço, a meditação daquilo que ele nos dita, o Mistério que nele se revela é a segurança daquilo que a mãe de Jesus pode fazer pela nossa vida, faz pela nossa vida. Jesus não se moveu por nós para perder tempo. Assim, os mistérios gozosos, que vêm antes dos mistérios dolorosos, os mistérios gozosos – *gaudium* –, os mistérios *gaudiosi* levam-nos, chamam-nos ao mistério da novidade – o anúncio do Anjo –, a caridade para com a prima Isabel, o nascimento de Jesus, a purificação de Nossa Senhora e a oferta de Cristo ao Pai, a vida aparentemente insignificante de Jesus em Nazaré. São recordações nas quais se alinha e toma corpo o domínio que Jesus tem sobre nós. Os mistérios dolorosos são a condição – humanamente falando, absurda –, a dor é uma condição inevitável – na minha condição de velho percebo estas coisas como

nunca as tinha percebido – para fazer parte de Jesus, para Lhe pertencer.

Deste modo, a alegria final, a glória final, nos mistérios gloriosos, adquire um fundamento dentro da experiência da nossa carne; de outro modo a experiência na nossa carne não chega à Ressurreição. Como a mãe de Jesus esteve no início do Seu estar no meio de nós, assim também agora a mãe de Jesus continua a salvar na história aquilo que tinha sido predito, que estava predestinado.

«Aqueles que redimiste, conserva-os, ó Cristo». É em Nossa Senhora que podemos pensar sem que haja possibilidade de erro – Nossa Senhora é a nossa mãe –. É, assim, através do abandono a Nossa Senhora, da súplica a Nossa Senhora, do pedido a Nossa Senhora, que se pode ter a certeza daquilo que Jesus quis que fizessemos, sobre aquilo que somos. É neste abandono a Nossa Senhora que a segurança da nossa vida se afirma grandiosamente, de tal modo que, olhando-nos cara a cara na nossa companhia cristã, vemos como ela é realmente o primeiro reflexo da salvação, de uma condição humana nova. Seja qual for o nosso estado de espírito, pedimos em cada dia a Nossa Senhora a graça de que aquilo que Cristo prometeu na sua maternidade para nós, que se exprime na verdade da nossa vocação, se torne concretamente verdade, fazendo-nos mudar. Cada um de nós, portanto, olhando para os outros – olhando-nos uns aos outros –, chore de alegria defronte da evidência de que Nossa Senhora, como emergência de uma novidade redentora, salvará totalmente no seu Filho a existência à qual fomos chamados. Há um nada, há um nada que não se perde. Uma coisa que é nada, poderia perder-se, e pelo contrário, é salva! «Quos redemisti, tu conserva, Christe», conserva-nos, Senhor, na salvação pela qual te dignaste entrar na nossa vida. Esta é a razão suprema da alegria, sim, da segurança e da alegria e, portanto, da glória. A glória é a nossa alegria. A alegria é a segurança que acontece no mundo pelo facto de termos sido tocados pelo Mistério, na posse de Cristo. (*in Avvenire*, 30 de abril de 2020) ■



■
Michelangelo Buonarroti, *Pietà Rondanini*,
1552-64, Castello Sforzesco, Milão.

«Cada um de
nós foi chamado,
tocado pelo
dedo do Senhor,
investido pela
chama do coração.
A resposta a esta
eleição reside toda
na oração da qual
somos capazes. A
nossa resposta é
uma oração, não
é uma capacidade
especial; é o
ímpeto da oração
somente.»



Marcos Vinicius

A vida em *tom maior*

Compositor de fama mundial, o guitarrista brasileiro conta a sua história. O encontro com o Pe. Pigi Bernareggi em Belo Horizonte e cinquenta anos de carreira com uma pergunta: que posso devolver de tudo o que me foi dado?



Paolo Perego

Um miudinho de sete anos e meio vai por uma rua de Congonhas, no estado de Minas Gerais, a uns oitenta quilômetros de Belo Horizonte. É a rua que percorre com frequência, da casa à paróquia, onde frequenta o catecismo. Mas desta vez pára em frente de uma loja que vende de tudo. Feijão, aspirina, ferramentas... E uma guitarra, pendurada no alto da vitrine. Estamos no final da década de sessenta, e este é o início da história musical de Marcos Vinicius, guitarrista clássico e compositor de fama mundial, fama que explodiu com o Prémio Villa Lobos quando era muito novo, e que hoje enche as linhas do seu currículo com condecorações, prémios, concertos em todo o mundo, da Europa até a China. Estudou na Academia Chigiana de Siena com o maestro Oscar Ghiglia, curso que foi o de Andrés Segóvia; presidente da Academia de guitarra clássica de Milão; embaixador da FAO desde 2010; prémio Padre Pio em 2015... a lista é longa.

26

Entre um concerto e um evento, dá aulas na Academia Musical “Praeneste” de Roma e dá cursos para uma escola de 2º e 3º ciclo da capital. «Hoje, por causa do que está a acontecer, dou aulas via Skype e trabalho em casa, entre exercícios, escrever música e livros». Não toca música na varanda: «Também me pediram. Mas para quê? Para dizer que tudo vai correr bem? Eu quero viver o presente. E rezo também ao fazer o que tenho para fazer». Como sempre na sua história: «Olho para a minha vida e para tudo o que aconteceu. E que acontece agora. Sinto gratidão. Daqui nasce a oração, também enquanto estou a tocar. Podes ser oração, reconhecer quem faz e de quem é o instante, mesmo enquanto dás aulas ou falas com um aluno».

Faz cinquenta anos de carreira neste ano de 2020: «Houve muitos projetos que foram cancelados. Devia voltar ao Brasil, para os festejos na minha cidade. Teria feito de tudo para que participasse também o Pe. Pigi Bernareggi».

Marcos Vinicius, 58 anos.

Porque um dos pilares desta história é justamente o Pe. Pigi, um dos primeiros missionários enviados por don Giussani a Belo Horizonte, que Vinícius encontrou em meados da década de setenta. «Alguns meses antes de eu ver aquela guitarra na vitrine, tinha morrido o meu pai. Um grande homem, dirigente de uma companhia mineira». A minha mãe, professora, arredonda o fim do mês fazendo doces para casamentos e aniversários, «para não deixar faltar nada à família». Incluindo aquela guitarra: três lições e algumas dicas de Dimas, irmão da empregada, e depois os estudos especializados.

Aos 12 anos, é já ele quem dá aulas; aos 14, o primeiro concerto. Entretanto, a família muda para Belo Horizonte. «Eu tocava e dava aulas, sustentava-me. Todas as manhãs passava à frente de um seminário, próximo da Universidade. Às vezes ia mais devagar: “Quero tocar aqui”. Não havia um motivo, mas atraía-me». Um dia parou: «Vais ter de falar com o Pe. Pigi, amanhã de manhã», responderam-lhe. «Eu não sabia quem era, mas às sete da manhã estava lá à espera dele». Faz-se o concerto. O Pe. Pigi prepara sumos e pipocas. E comove-se ao ouvi-lo: «Isso é para o mundo, Marcos. Queres ir estudar para Itália?», pergunta o missionário. «Aos poucos começou tudo a arranjar-se». De um desejo,

de pequeno, de viver em Itália, por causa das fotos vistas nos livros da escola, até ao pai de um aluno que se oferece para o financiar «O Pe. Pigi organizou-me uma audição na Chigiana, com Ghiglia. Devia tocar meia hora, mas depois de seis minutos mandou-me embora. Quando voltei para me despedir... “Para onde vais?”. “Volto para o Brasil, mas seja como for, obrigada”. “Não, eu interrompi porque não precisava de ouvir mais”. Tinha entrado».

Aquela relação, com o Pe. Pigi nunca se interrompeu: «Acompanhou-me sempre, de longe. E quando volto, procuro sempre tocar para ele, para as suas favelas. “Toca-me Recuerdos de la Alhambra?”, pede sempre». É mais do que uma amizade. Recuerdos é uma das peças preferidas de Marcos. Toca-a frequentemente. Também no ano passado, no Brasil, por ocasião de um remake daquele concerto em Belo Horizonte em homenagem aos oitenta anos do missionário italiano: «Estava na primeira fila, ao lado da minha mãe, e choravam. E chorava eu também». É uma música de Francisco Tarrega, que conta a história do compositor espanhol, de quando pensava ter que abandonar a guitarra porque não conseguia ganhar para viver: «Uma peça musical que começa triste, em tom menor. Cheia de nostalgia e melancolia por aquilo que o autor tinha vivido e estava a perder. Mas depois abre-se

em tom maior, entre alegria, plenitude, gratidão. Porque aconteceu qualquer coisa. Um benfeitor reabre a perspectiva. Quando toco esta música, penso apenas nesta frase: “É possível! Agora, aqui”». Existe a vida, feita de tristeza, medo, dor, mas pode entrar uma coisa que muda a perspectiva, «de menor para maior». O quê? «Para mim é a presença de Deus. Reconheço-a em cada passo da minha vida. Também nos momentos nos quais o mal me atingiu de perto». Não entra em detalhes, mas desse período nasceu, em 2013, uma grande Ave Maria para coros mistos que dará a volta ao mundo.

«Tantas obras saem exatamente daquilo que eu vivo. E muitas vezes, quando as escrevo, surpreendo-me com a sua beleza. Gratificam-me, vejo dentro delas alguma coisa que não fiz eu, mas um passo no meu caminho». São muitas as composições, os álbuns e as obras que escreveu: «Tudo o que faço, mesmo os concertos, é como se fosse uma nota que pertence a vários acordes. Ressoa naquilo que estás a fazer, mas já é início de outra coisa. O dia em que não acontecesse, meteria a guitarra no estojo».

Conta a sua vida como um rio em pleno. Os concertos em dezenas de países: «Sempre intensos, quer se trate da Wigmore Hall de Londres, palco dos grandes da música, ou daquele barracão onde me encontrei poucos dias

«Quando tocas, tens de abandonar-te à música. O aspecto técnico ou estético são instrumentos. Não bastam, não são o que “chega” ao coração de quem escuta. E assim acontece com a vida: pode ser vivida como abandono a Deus, àquilo que te dá no instante. De modo que podes amar-te tal como és, também quando erras».



Don Pigi Bernareggi
benze Vinicius.

depois em Itália. Se tivesse prevalecido o “artista”, teria ido embora... Ao invés, alguém me tinha enviado àquele lugar, também aquelas pessoas tinham necessidade de beleza».

E as composições, aquelas às quais tem mais apego: «As para coro dedicadas ao Pe. Pigi, por exemplo, o *Locus Iste*. Mas também o *Magnificat*. E o *Agnus Dei*, porque fala de Alguém que deu a vida pelos homens. Sempre olhei para o Pe. Pigi, como se colocava, como celebrava a missa, como estava com os favelados, com todos. E come dava a sua vida aos outros». Um dos últimos trabalhos é a banda sonora de um filme de há uns dois anos, dedicado ao boxer Nino Benvenuti, em que «procurei conhecê-lo, ver, para além do campeão, a sua humanidade, feita de medos, dores, dificuldades».

«É a humanidade que me interessa», diz: «E todos precisam da beleza que eu vi». Às vezes alguém fica marcado por uma nota, por uma melodia. Se calhar comove-se: «É a presença de Deus. E não é para explicar, falar da fé. Aquilo que és, aquilo que vives, o modo de tocar e a música que sai da guitarra... É isto que dá testemunho». É possível começar a dar concertos renunciando até ao cachet, como o tour *Em nome do Pai*, por vários lugares sacros italianos, um percurso pela sua história: «Uma pessoa não o faz se só se importa com o sucesso. É verdade, eu vivo da música. Mas o ponto é: o que posso devolver de tudo o que me foi dado?».

Dar-se: é isto que acontece quando toca. «Por gratidão. E por reconhecimento da origem de tudo». Fala de “abandono”: «Quando tocas, tens de abandonar-te à música. O aspecto técnico ou estético são instrumentos. Não bastam, não são o que “chega” ao coração de quem escuta. E assim acontece com a vida: pode ser vivida como abandono a Deus, àquilo que te dá no instante. De modo que podes amar-te tal como és, também quando erras». Por isso tudo pode

ser oração: «As circunstâncias difíceis, as escolhas erradas e as portas fechadas são dadas por Deus para fazer-se amar mais. Como se dissesse: “Vês? Se fosse diferente, se fosses por ali, eu perder-te-ia”».

É um abraço caloroso, cheio de paz. Como em *Recuerdos de la Alhambra*, diz ainda, lembrando uma vez que foi a casa da mãe: «Na cozinha, pus-me a tocá-la para ela. E pôs-se a chorar: “Se ao menos o teu pai te pudesse ouvir”. “Mas ele está aqui, agora”, disse-lhe». É uma eternidade que irrompe «como se uma unha quebrasse a linha do tempo».

Surge a pergunta, porém: «Deus põe diante de ti sinais e circunstâncias. Bate à porta. Tens de deixá-lo entrar». Até a beleza que sai da guitarra: «Não é minha, não é nossa. Mas faz-te dar-te conta de que precisas dela». As crianças, quando sentem necessidade, sabem a quem pedir, chamam a mãe, o pai. «Quando crescemos esquecemo-nos disto, achamos que é suficiente a nossa racionalidade, a inteligência, uma capacidade. Pelo contrário, eu preciso de me dirigir a Ele. Tal como uma criança que precisa de tudo». A mesma que olhava para aquela guitarra na loja: «Às vezes perguntam-me por que escolhi a guitarra entre tantos instrumentos. Não a escolhi, ela escolheu-me. Aliás, Alguém a escolheu para mim». ■

Se o Céu se curvar sobre o homem

A solidão do homem e a proximidade de Deus. Uma viagem às obras nascidas da fé em tempos de prova. Desde o crucifixo contra a peste à deposição de Nicolau dell'Arca, e Duccio e Giotto... até ao poder do abraço das Pietà

Por ocasião daquele seu gesto simples e imponente diante da Praça de São Pedro vazia, o Papa Francisco quis a companhia de duas imagens, que o seguiram em todo o caminho da Semana Santa: o ícone de Maria Salus populi romani, habitualmente venerada na Basílica de Santa Maria Maior, e o Crucifixo da Igreja de São Marcelo. Precisamente aquele mesmo crucifixo que Francisco tinha ido venerar caminhando sozinho pela rua del Corso, alguns dias antes. Uma escultura de madeira policromada de um autor desconhecido datado do final de 1300, da qual os romanos sempre foram devotos: em 1522, por ocasião de uma epidemia de peste, levaram-no em procissão a todas os bairros da cidade que o reclamavam, entre 4 e 20 de agosto desse ano: entretanto, a epidemia abrandara

acentuadamente. Mas, mais do que o poder taumatúrgico, o valor destas imagens reside em tornar visível a proximidade, ou melhor, a companhia de Deus aos homens, em momentos tão difíceis de enfrentar. Não é por acaso que é Jesus Crucificado quem percorre as cidades, tal como aconteceu também com São Carlos com a terrível peste de 1576 que assolou Milão: hoje está no Duomo, no corredor esquerdo, em frente ao túmulo do Cardeal Martini, que por sua vez o quis levar em procissão pela cidade a 20 de abril de 1984 contra as novas pestes, a violência e a solidão.

E é de novo a solidão, vivida dramaticamente por tantos que morreram isolados nos cuidados intensivos por causa do Coronavírus. A mesma que Jesus na cruz teve de enfrentar



Giuseppe Frangi

Jornalista, foi diretor da publicação mensal Vita. Colabora com inúmeros jornais italianos. Fundador e presidente da Associação Giovanni Testori onlus, é autor do blog de arte *Robe da chiodi*.



quando, como disse o Papa numa das homilias em Santa Marta no tempo de Quaresma, experimentou a derrota: “Ele não finge morrer, não finge não sofrer, sozinho, abandonado...”. Numa das zonas mais atingidas pela epidemia, em Albino, no Vale Seriano, encontram-se duas obras que testemunham a radicalidade desta solidão humana de Jesus: são obra de Giambattista Moroni, um dos maiores retratistas do século XVI, que nasceu precisamente em Albino.

A primeira é um Crucifixo, desta vez pintado: um quadro vertical conservado na igreja paroquial. Jesus na cruz está sozinho, destacando-se da paisagem que todos os da zona podiam reconhecer como muito familiar. Jesus está assim “perto” de quem O olha e, ao mesmo tempo, isolado na sua dor. É uma imagem que, na sua humildade e compostura absolutamente reais, parece curvar-se para partilhar a condição humana daqueles que também se viram sós a sofrer e muitas vezes a morrer em hospitais: e muitos deles eram precisamente conterrâneos de Moroni. Há, no entanto, um toque nesta obra que quebra o assédio da dor: é o pano que se move por causa do vento, e que o artista, nesta obra dominada por cinzentos, quis marcar com uma cor laranja forte: quase como uma palpitação que faz entrever o imprevisto da Ressurreição. Só está também o “Cristo carregado com a cruz” no Santuário de Nossa Senhora do

■
O crucifixo da Igreja de San Marcello al Corso, Roma, querido em São Pedro pelo Papa Francisco durante a epidemia.



Pormenor do retrato de São Sebastião no pendão processional encomendado a Vincenzo Foppa, em 1514, pelos cidadãos de Orzinuovi (Brescia).

e cujo eco ressoa hoje na experiência de tantas pessoas. O mesmo episódio, porém, é por vezes brilhantemente resolvido com imagens que podem ser de conforto: Duccio em “La Maestà” e Giotto na capela dos Scrovegni (e não são os únicos), pintando a cena da Deposição, oferecem-nos dois detalhes que deixam uma marca no coração. Vemos Maria que se debruça sobre o corpo inanimado do Filho e O abraça. “Ela toma-O nas suas mãos como o tinha tomado há mais de 30 anos em Belém”, como disse o Papa nas meditações de Quaresma em Santa Marta. A mãe inclina-se sobre Ele, anulando todas as distâncias com uma tal intensidade humana que inclui nesse gesto todos os abraços que foram impossíveis: é um abraço que se dilata e assume em si todos os que foram dolorosamente privados de abraços. Aliás, esta ligação física entre a mãe e o filho tinha dado origem a um dos motivos iconográficos mais extraordinários e amados, o da Pietà. Nasceu em âmbito alemão como Vesperbild, imagens para a meditação da tarde, e depois chegou a Itália dando origem a obras-primas que todos temos diante dos nossos olhos, de Bellini a Miguel Ângelo. O abraço subiu de escalão e tornou-se um ter no colo o corpo do Filho: ícone

Pranto, também em Albino. Moroni pintou-o em tamanho real e de perfil, como se O tivesse seguido, indo ao Seu lado com uma câmara de vídeo, na subida ao Calvário. Caminha debaixo do peso do lenho e faz-nos perceber que está a caminhar connosco, na dificuldade e no sofrimento. A sua solidão vem em auxílio da nossa. A pintura lombarda tinha gerado outra imagem impressionante da solidão de Jesus na Paixão: é a pintura de Moretto, conservada no Galeria Tosio Martinengo de Brescia, onde Cristo se senta exausto nos degraus do Pretório, com a coroa de espinhos e a cruz que o espera. Parece humanamente esgotado com a sucessão de acontecimentos. Apenas um anjo, também ele desfeito pela dor, permanece com Ele.

Nos dias dramáticos do Coronavírus, faltou-nos a experiência do abraço. Não só e não somente o que se tornou impossível no dia-a-dia da quarentena, mas o abraço último aos que partiam. Mais uma vez a arte documentou a tortura desta distância, como no caso de tantas Deposições, desde logo a obra-prima de Nicolau da Arca em Bolonha: todas as figuras estão em volta do corpo de Cristo, experimentando uma separação que torna a dor excruciante. Veem, mas não O podem segurar nos braços. Fica apenas o grito que irrompe destas figuras

de uma dor sem medida, que é transfigurada em “piedade”, ou seja, alarga-se para compreender a dor do mundo (compreender: isto é, ter consigo, mas também perceber, dar-lhe um sentido).

Também os santos saíram à rua contra epidemias e pestilências. Em 1514, em Orzinuovi, um dos centros da Bassa de Brescia mais martirizados pelo Coronavírus, os cidadãos tinham encomendado um pendão processional a Vincenzo Foppa, o patriarca da pintura lombarda de onde proveio Caravaggio. No verso viam-se os dois santos que nos protegem da peste, Rocco e Sebastião: o rosto deste último é inesquecível, pela sua correspondência antropológica com as pessoas que lhe pediram proteção. Não se trata de um “santinho” nem de um mago, mas de um escudo concreto contra o mal,

graças também à multiplicação exponencial das suas imagens, dos quadros, dos frescos e dos simples pendões como o de Orzinuovi. O extraordinário fresco de Benozzo Gozzoli em S. Gimignano demonstra a que ponto S. Sebastião foi realmente visto como escudo no sentido mais concreto do termo. A cena é complexa e surpreendente. Vê-se o santo, em dimensões gigantescas, num pedestal em cuja base está o povo dos fiéis, que levanta o olhar, cheio de gratidão, na sua direção. S. Sebastião tem um manto que alguns anjos seguram aberto, para proteger a multidão das flechas que trazem o mal. De facto, as flechas esbarram contra a barreira fornecida por Sebastião, o santo “escudo”. Mas de onde chovem as flechas? Aqui está a desconcertante surpresa desta obra: no topo vemos uma cena em que é o próprio Deus, com os seus anjos, que lança este castigo aos homens. Porém, aos seus pés, ajoelhados, encontram-se Jesus e Maria, que fazem de mediadores e Lhe imploram que desista. Jesus mostra a chaga no peito indicando que foi Ele que assumiu os pecados; Maria, por seu turno, descobre o peito, sugerindo, através da sua dimensão maternal, a dimensão paternal de Deus.

Um outro santo, ligado à peste dramática que em 1576 atingiu Milão, acreditava também firmemente que, para sair de uma epidemia, uma comunidade tinha de fazer as contas com o seu próprio pecado. Foi o caso de S. Carlos Borromeu. O seu Memorial aos Milaneses é uma extraordinária chamada de atenção à cidade que ele tanto amava. Do ponto de vista das imagens, a Catedral de Milão enche-se de quadros enormes, por ocasião da sua festa, a 4 de Novembro, que contam a sua história e os seus milagres. Entre estes pode ver-se a extraordinária tela pintada por Cerano com a visita aos doentes de peste e lepra no Lazzaretto: trata-se da documentação, simultaneamente cronista e épica, de um grande gesto de caridade pública por parte de um bispo santo que nunca deixou o seu povo sozinho. ■

© Archivio fotografico Diocesi di Bergamo



João Batista Moroni, *O Crucificado entre os santos São Bernardino e Santo Antônio de Pádua* (1573-1575), Igreja de São Giuliano de Albino (Bergamo).

A Arte rupestre do Vale do Côa e a nossa Quarentena



Teresa Quintella



Gravura com vários animais decalcados uns em cima dos outros, é uma das mais conhecidas do Vale do Côa

Durante esta pandemia, surgiu uma proposta muito bonita nos CLU: “O que tem a ver com as estrelas?”. Todas as semanas, às sextas, quem quiser partilha algo que o fascine! E o que eu levei para apresentar vem do princípio da história do Homem: A arte rupestre do Vale do Côa. E é isso que eu trago também hoje aqui.

No passado verão, fui com a minha família visitar o Vale do Côa. O Vale do Côa tem o maior conjunto do mundo de gravuras paleolíticas ao ar livre. Estas encontram-se nos dois lados do rio que corta este vale, o rio Côa. Este conjunto de gravuras foi constituído património mundial em 1998, e é de momento um local de turismo bastante intenso.

As gravuras são, na sua maior parte, representações de animais, como cavalos e auroques (um ancestral dos bovinos) e, raramente, caprinos e cervídeos. Existe também uma única representação humana clara. As técnicas mais utilizadas para as criar são as de picotagem e de abrasão.

Há várias teorias que tentam explicar o porquê destas gravuras. Duas delas chamaram-me especialmente a atenção. Uma defende que serviam para comunicação. A outra afirma que, dada a existência de arte semelhante noutros países, poderiam servir apenas para a troca de ideias artísticas, como qualquer corrente artística moderna.

Gostei especialmente do facto de estas teorias tocarem nestes dois pontos: comunicação e arte. No entanto, nenhuma delas se aventura a aprofundar aquilo que me parece mais impressionante nestas pinturas. Realmente, parece que desde o princípio dos tempos, o Homem tem esta necessidade intrínseca de comunicar, de criar relação, de partilhar a Beleza daquilo que vê!

Que vontade é esta de gravar na pedra algo que fica? Ainda para mais, este ato é verdadeiramente gratuito, porque sendo nómadas, estas comunidades não ficariam lá para apreciar a sua criação. As gravuras ficam para qualquer um outro que por lá possa passar.

O facto de estes homens criarem arte é já prova da sua humanidade. Ao verem Beleza, deixam-se encontrar por ela de forma tão totalizante que se torna uma forma diferente de viver e conceber a vida. É espantoso que queiram pintar o movimento, decalcar as figuras umas em cima das outras. Ainda para mais, alguns defendem que estas gravuras

eram formas de expressar rituais religiosos. Então, desde sempre que a arte se relaciona com o Divino! Estes homens tinham um sentido religioso.

E é exatamente isto que temos feito também nós nesta quarentena. Não podemos estar uns com os outros, mas queremos fazer companhia uns aos outros. Tivemos de viver a companhia de uma forma diferente, nova. Não queremos deixar de partilhar com os outros aquilo que encontramos de belo no nosso dia-a-dia. E esta vontade de estar com o outro, (que me fala de Outro), seja de que meio for, arranca-nos do nada. ■



Uma curiosidade: foi descoberta no passado mês de abril, ou seja, muito recentemente, uma das maiores gravuras já vistas no Parque do Côa. Aconselho a irem ver a notícia:

<https://www.publico.pt/2020/04/25/culturaipsilon/noticia/arqueologos-descobrem-vale-coa-maiores-figuras-rupestres-mundo-1913873>.



Julián Carrón
O despertar do humano.
Reflexões de um tempo vertiginoso

O trabalho da razão



Maurizio Vitali

Em *O despertar do humano*, Julián Carrón reflete sobre a situação de emergência em que nos encontramos devido ao Covid19. Milhares de mortos, quase metade da população mundial obrigada ao distanciamento social ou ao confinamento em casa. O autor mede-se francamente com as interrogações sobre o sentido que semelhante «erupção vulcânica» suscitou, surpreendendo o despertar que daí surgiu. Emergiu num primeiro plano «a nossa fragilidade estrutural» e, ao mesmo tempo, a «grandeza» da nossa aspiração à vida. Mas como e o que quer dizer estar como homem diante desta circunstância, seja estar no terreno no combate contra a doença ou permanecer em casa em confinamento? Um ponto é certo: «Não temos outro modo de caminhar para a nossa realização fora das circunstâncias em que nos encontramos», quaisquer que sejam. É necessário, portanto, «viver intensamente o real», não há um outro lugar de realização possível. É vertiginoso. Sim, e não seria possível estar numa tal vertigem sem «uma companhia humana».

Mas quando a circunstância tem o rosto sombrio e surdo da doença ou da morte iminente e desencadeia o medo profundo? Aqui o autor oferece o contributo – pessoalmente vivido – da experiência cristã. «É por isso que Deus se fez homem, se tornou uma presença histórica, carnal, próxima, um companheiro de caminho», para que o homem, «em qualquer situação em que venha a encontrar-se, possa estar diante dela, atravessá-la com uma última e indestrutível positividade». Para que tais afirmações se tornem credíveis, é necessário “interceptar” pessoas nas quais se mostre «a vitória de Deus sobre o medo e sobre a morte» e «uma maneira nova de enfrentar as circunstâncias, cheia de uma esperança e de uma letícia normalmente desconhecidas». Sairemos mudados da pandemia? Só se começarmos a mudar agora, isto é, se nos dermos conta de quem e de que coisa nos ajuda a viver até ao fim o instante, nestes dias de confinamento ou de empenhamento no combate ao vírus. Este “trabalho” da razão é a única coisa a que nenhum decreto poderá obrigar-nos. Compete-nos a nós decidir levá-lo a cabo.

Maurizio Vitali, ano de 1951,
jornalista, dirigiu esta revista (CL
Litterae Communionis) desde 1977
a 1989.





«Não está aqui, ressuscitou»

À entrada da Basílica do Santo Sepulcro, os preparativos para a Páscoa ortodoxa, que, segundo o Calendário Juliano, este ano tinha lugar uma semana depois da católica. Os ritos da noite da Ressurreição foram transmitidos via streaming para os fiéis do mundo inteiro, tal como tinha sucedido com a Semana Santa celebrada pelo Papa. Na Vigília Pascal, em São Pedro, Francisco tinha dito: «O túmulo é o lugar onde quem entra não sai. Mas Jesus saiu por nós, ressuscitou por nós, para levar a vida aonde havia morte, para iniciar uma história nova onde tinha sido posta uma pedra em cima. Ele, que fez rolar a rocha à entrada do túmulo, pode remover os pedregulhos que selam o nosso coração».

Uma só palavra

Paolo tira os olhos do computador, levanta-se e olha para fora da janela. Na rua, só uma senhora: de máscara na cara, trela na mão, a andar lentamente, quase que a querer aumentar o tempo de ar livre a que tem direito graças ao cão. Pois, ao ar livre: foi precisamente aqui que o vírus atingiu com tanta veemência.

São 10 horas. É altura da pausa para café. Mesmo se em tempos de teletrabalho uma pessoa faz um intervalo quando quer, o café tem os seus horários, não negociáveis. Sobretudo se o dia começou exigente, com imensos pequenos problemas cansativos e muito pouco de concreto em mãos.

Paolo chega à cozinha, a máquina do café já acendeu a luzinha ... mas do “escritório” vem o toque do telemóvel. No momento chave! «Se precisar mesmo, liga outra vez», pensa, sem tirar os olhos da máquina. Mas não passam dois segundos e já está com o dedo no écran do telefone. O telefonema vem da China, número desconhecido. «Será um cliente... Pronto, outra batalha». Durante dezasseis anos, Paolo trabalhou e viveu no Oriente, hi-tech e afins. Depois o regresso a Itália. Mas os contactos de trabalho permanecem.

«Estou...». «Paolo, sou a Sue Xu». Foram colegas em Shangai durante dez anos. Tantos cafés tomados juntos. «Sue Xu, como estás?». Está bem, mas quantos próximos dela, nos meses passados, atravessaram o que agora bem sabemos: hospitais, pneumonias, distância, morte. E naqueles sítios não se brinca: quem não obedece tem problemas sérios.

Paolo conta: hoje somos nós que estamos nisto até ao pescoço, quem sabe por quanto tempo ainda. E como vai mudar a nossa vida, depois... É altura de se despedirem: «Paolo, telefonei-te porque me disseram que aí vos faltam máscaras. Queria mandar-te umas se me deres a tua morada».

Paolo não responde imediatamente. Ficou sem palavras. Depois «obrigado», a rua, o número, a cidade e as despedidas. A luz da máquina apagou-se. Enquanto o café desce, pensa: «Só há uma palavra para isto: sinal».